



## **NARRATIVAS DE EMPODERAMENTO DE UMA PROFESSORA: CASAMENTO, MATERNIDADE E DOCÊNCIA**

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, [aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br](mailto:aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br)*

### **Resumo**

Implicada pelas discussões que se referem à (auto) biografia e à formação de professores desenvolvi minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que tem como área de concentração Processos Formativos em Contextos Locais, na linha de pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente e teve como título redimensões pessoais e profissionais da prática pedagógica na docência universitária: narrativas (auto) biográficas. Assim, a pesquisa aqui apresentada é parte desse estudo. Como questão a ser investigada elenquei: Como as narrativas de empoderamento ajudam na minha construção como docente? Neste sentido tenho como objetivo: Analisar como as narrativas de empoderamento ajudam na minha construção como docente. Quanto à metodologia é uma pesquisa de abordagem qualitativa em que faço uso do método (auto) biográfico, sendo eu sujeito e objeto da pesquisa. Para narrar as minhas experiências utilizo o diário, sendo um documento em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas. Como resultados pondero que o trabalho contribuiu para o meu empoderamento como professora do ensino superior, me permitindo refletir e analisar sobre o ser docente, mulher e mãe e sua relação com a itinerância do magistério.

Palavras-chave: Narrativas, empoderamento, docência.

### **Introdução**

Reflico sobre como as narrativas de empoderamento ajudam na minha construção como docente. Neste sentido analiso como as narrativas de empoderamento ajudam na minha construção como docente? Esta intenção de estudo é fruto da dissertação de mestrado em que discuti sobre “Redimensões Pessoais e Profissionais da Prática Pedagógica na Docência Universitária: Narrativas (auto) Biográficas”.

No presente estudo, faço uso da (auto) biografia como método da investigação. Esse método rompe com a lógica positivista, trazendo as subjetividades dos sujeitos para a ordem do dia.



Escolhi a pesquisa (auto) biográfica por ser entendida como dispositivo reflexivo na formação docente, pois o professor, ao narrar suas experiências profissionais, transforma as representações de si e de sua prática pedagógica (PASSEGGI *et all*, 2006).

Como instrumento de pesquisa para a produção de dados reflito sobre os meus diários (auto) biográficos. Este instrumento envolve o processo de contar a história de sua própria vida. Essa escrita inclui a reconsideração e a reconstrução da experiência a partir da história de uma vida, ou seja, a sua própria história (NÓVOA, 1992). Neste sentido o cenário da pesquisa é a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central. Como cenário específico, aponto o Curso de Licenciatura em Pedagogia.

O artigo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, aponto um pouco sobre a pesquisa (auto) biográfica e sua contribuição no empoderamento de professores e na segunda parte, evoco a discussão no que se refere à minha itinerância na esteira do casamento, maternidade e docência.

### **Reflexões sobre a pesquisa (auto) biográfica e sua contribuição no empoderamento de professores**

As narrativas (auto) biográficas permitem ao professor compreender melhor porque está na profissão, se constituindo num valoroso instrumento para pensar sobre o aprender a formação. Josso aponta a força desse método, explicitando:

As abordagens das histórias de vida, tal como são desenvolvidas e dadas a conhecer pelos textos publicados desde os anos 1980, parecem apontar dois tipos de objetivos teóricos: 1. Evidenciar um processo de mudança do posicionamento do pesquisador, pelo aprimoramento de metodologias de pesquisa-formação, articuladas à construção de uma história de vida, [...]. 2. Demarcar a contribuição do conhecimento dessas metodologias para o projeto de delimitação de um novo território de reflexão, abrangendo a formação, a autoformação e suas características, [...] (JOSSO, 2010, p. 31).



Desse modo, não se trata de encontrar uma “verdade” nas escritas de si ao biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências; como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens mediante o processo de biografização. Na pesquisa (auto) biográfica o professor se torna sujeito e objeto de formação (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINE, 2013).

Nesse sentido, o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem se concretiza na construção da história de formação, por meio das narrativas da experiência vivida. Assim:

Abordar o conhecimento de si na perspectiva das transformações do ser sujeito vivo e cognoscente no tempo de uma vida, mediante as atividades, os contextos de vida, os encontros, os acontecimentos de sua vida pessoal e social e as situações que ele considera como formadoras e com frequência fundadoras, é conceber a construção identitária, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. [...] (JOSSO, 2010, p. 70).

Josso (2010) considera a (auto) biografia como um método dinamizador para o processo de transformação pela invenção de si próprio, em que o sujeito passa a ser protagonista da sua história, tecendo os fios da produção de si mesmo, propiciando o autoconhecimento e conseqüentemente a autoformação.

Discute sobre o método (auto) biográfico e compreende o indivíduo em sua globalidade. Chama a atenção para se considerar o ser humano como autor da sua história, ou seja, perceber todas as dimensões do ser numa perspectiva global. Pelo trabalho das narrativas de formação a pessoa se transforma e se modifica, por isso se constitui em um método tão pertinente ao processo de empoderamento do ser docente nas nuances do fazer pedagógico diário.

### **Minha itinerância de vida na esteira do casamento, maternidade e docência: encontros, desencontros?**

Em 2007 casei-me e gerar André Vítor deu novo sentido à vida. Educá-lo, escolher a escola, preocupar-me com quem ele iria ficar para eu estudar, tudo isso me fez refletir ainda



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

mais no tocante à escola sob a ótica dos pais e isso só reforçou o meu compromisso com a educação. Na imagem a seguir exponho o meu amado filho no dia em que nasceu.



Figura 1 - Foto de André Vitor (filho)  
Fonte: Arquivos da autora, 2007.

Quando André Vitor nasceu, vivi momentos tensos, de aflição e angústia, pois a minha vivência na UERN era tudo para mim, tinha sede de estar naquele espaço e agora precisava me dividir para cuidar do meu filho. Nessa época, havia sido aprovada na Especialização em Currículo e Ensino na UERN, em 2007, e isso me preocupava muito, uma vez que precisava estudar, ser dona de casa, esposa e mãe. Mas, com ajuda, soube passar por essa fase. A rotina era acordar as cinco, tirar o leite e me arrumar para pegar o ônibus para ir à UERN. Ali estava a concretização de mais um sonho: a Especialização em Educação numa universidade pública. O curso representava uma oportunidade de formação permanente, o contato com os professores pesquisadores e, em especial, com a minha orientadora Meyre-Ester Barbosa de Oliveira. Ela me ajudou muito a crescer intelectualmente e, certamente, contribuiu para o meu desenvolvimento profissional. Esse contexto reforçou o meu desejo pela docência no ensino superior. Lembro-me de que mais na frente, quando iniciei a docência no ensino superior, fiz uso dos conhecimentos que aprendi com a minha orientadora, para orientar os meus alunos no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (Excertos de diário da pesquisa. Narrativa de Aleksandra Nogueira em 2014/Mossoró).

Durante esse período fui morar na cidade de Porto do Mangue – RN, onde trabalhava como professora contratada no Ensino Médio e, concomitante a isso, escrevia minha monografia e estudava para concursos públicos para professora da rede básica.

Ao iniciar o trabalho como professora da educação infantil vivi o “choque com a realidade”. Essa fase é tão crucial, que leva uma porcentagem importante de iniciantes a



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

abandonar a profissão, ou a questionar sobre a escolha da profissão e a continuidade na carreira.

Foi com essa minha primeira experiência como professora efetiva da rede pública municipal, que fui me fazendo professora. A interação com as colegas de trabalho mais experientes foi, sobremaneira, importante para a minha socialização profissional, pois me ensinavam diariamente sobre os truques do ofício e a cultura da educação infantil.

Nesse momento passei a ponderar sobre a minha formação inicial, sobre as teorias estudadas e o porquê de algumas coisas serem tão diferentes na prática. Mas, já naquele momento, assumi como desafio desenvolver uma prática pedagógica pautada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Eu era a professora responsável pela aprendizagem daquelas crianças. Isso para mim foi um desafio, dada à realidade da escola pública, como também a inexperiência na docência na educação infantil (Excertos de diário da pesquisa. Narrativa de Aleksandra Nogueira em 2014/Mossoró).



Figura 2 - Foto dos alunos da Educação Infantil em sala de aula.

Fonte: Arquivos da autora, 2012.

Fiquei muito feliz com essa experiência em fazer parte do quadro de professores efetivos do referido município. Sentia-me realizada com esta conquista. No entanto, o meu desejo pela docência no ensino superior não foi adormecido. Continuava alimentando essa ideia, mas achava algo distante.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Segundo Pimenta e Anastasiou (210), formar o professor das mais variadas áreas é uma característica que marca a identidade do docente do ensino superior, considerando que não existe uma formação específica para essa docência.

Senti na pele esse despreparo ao entrar pela primeira vez na sala de aula como professora do nível superior e rapidamente pensei: ‘Outro dia estava aqui como aluna. Será que eu vou saber dar aula?’ Lembro-me de que quase não consegui dormir na noite anterior, tamanha era a ansiedade, o medo de perder o carro que me conduziria a Mossoró, medo do computador não ligar, de um aluno fazer uma pergunta que eu não soubesse responder, entre outros medos e grilhões. A minha pouca idade, aliada à inexperiência na docência do ensino superior, me fazia tremer nas bases. Naquela minha primeira aula, lembro de que foi uma aula de profissão docente, eu discutia sobre formação do professor, trazendo Imbernón para o debate. Foi pela manhã, essa aula, a sala estava lotada e os alunos já se encontravam lá. Quando cheguei, fui apresentada à turma pela professora Auxiliadora, diretora da Faculdade de Educação. Era uma sexta-feira ensolarada (Excertos de diário da pesquisa. Narrativa de Aleksandra Nogueira em 2010/Mossoró).

Agora me vem à mente como planejei essa aula por diversas vezes, sem saber como seria a turma, aqueles alunos com os quais eu teria a minha primeira experiência como docente do ensino superior. Li e reli o que havia feito por várias vezes. Tinha medo de errar, de não saber responder a uma pergunta difícil que porventura alguém me fizesse. Hoje tenho a compreensão de que “a profissão de professor exige de seus profissionais alteração, flexibilidade, imprevisibilidade. Não há modelos ou experiências modelares a serem aplicadas. [...]” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010, p. 199). Com isso passei a compreender que, para ensinar, o professor faz uso de alguns saberes, como: disciplinares, curriculares, experienciais e saberes da formação profissional.

O ingresso na carreira docente no ensino superior foi um momento repleto de insegurança e ansiedade. Muitas vezes me veio medo, angústia e aflição, acompanhados de realização em tudo que fazia e senti a necessidade de investimentos pessoais na formação, uma vez que me sentia despreparada para atuar nesse nível de ensino, ao considerar que a formação inicial em Pedagogia me preparou para atuar na educação básica (na educação infantil e anos iniciais).

A insegurança no exercício da docência foi um aspecto que permeou meus primeiros anos no ensino superior, mas creio que essa insegurança foi amenizada pelas experiências acumuladas enquanto professora efetiva da rede pública municipal.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Não sabia lidar com alunos tão variados e preparar aulas dinâmicas e inovadoras. Garcia (1999) salienta que os primeiros anos de docência é um período caracterizado pela insegurança e falta de confiança em si mesmo e supera-se isso ao longo do processo de aprendizagem e socialização, pelo qual o professor passa.

No início me sentia muito desafiada em relação ao como planejar, de modo que minhas aulas fossem interessantes e inovadoras. Sabia o conteúdo, mas pensava: “como dar essa aula?” Trazia comigo as memórias das minhas aulas enquanto aluna do curso de Pedagogia e logo vinha à mente que as aulas que mais me interessavam eram aquelas que me envolviam e me faziam pensar. Entretanto, não compreendia muito bem como fazer isso. Tinha muita dificuldade em ouvir os alunos, medo de abrir para discussão perder o controle da aula. A aula se transformava em um monólogo. Porém, eu queria mudar, inovar a maneira de abordar os conteúdos, mas não sabia como agir (Excertos de diário da pesquisa. Narrativa de Aleksandra Nogueira em 2014/Mossoró).

Ramalho, Núñez e Gauthier (1998) ressaltam que não basta apenas saber o conteúdo para ensinar, e que o saber necessário para ensinar não se reduz apenas ao conhecimento do conteúdo da disciplina. Hoje vejo como a relação com os outros professores mais experientes foi fundamental para as minhas descobertas do início da docência.

Minha relação com os professores mais experientes me ajudou, sobremaneira, no exercício da docência. Destaco as professoras Hostina Maria Ferreira do Nascimento, Francisca Iara da Silva e Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro, com as quais pude compartilhar experiências e aprender novas metodologias. Estas docentes têm dado uma grande contribuição para a minha formação, me fazendo refletir sobre os pormenores do trabalho docente, as nuances, os truques do ofício, como lembra Tardif (2012) (Excertos de diário da pesquisa. Narrativa de Aleksandra Nogueira em 2014/Mossoró).

Assim, o relacionamento dos jovens professores com os professores experientes é de suma importância, uma vez que compartilham saberes uns com os outros através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, entre outros. Eles socializam um saber prático e a maior parte dos professores expressa a necessidade de partilhar as suas experiências (TARDIF, 2012).

Por tudo isso, o percurso do caminhar para si não é fácil, porque a pesquisa-formação



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

só avança quando se “enriquece o olhar de descobertas sobre si mesmo, de novas perspectivas, de tomadas de consciência sobre temáticas criadoras” (JOSSO, 2010, p. 247). Para tanto, é pertinente que o narrador tenha uma atenção consciente sobre si, sendo um observador de si mesmo.

Dessa forma, aprender é descobrir novos caminhos do pensar e fazer coisas de modo diferenciado é ir à procura do desconhecido. Isso se constitui em um “ato de pesquisa” em que as pessoas desenvolvem criatividade, habilidade e comunicação.

Por esse motivo, as narrativas de formação se constituem em uma mediação para redescobrir o sensível, o imaginário e a afetividade, até então desconsideradas, esquecidas. Nessa trilha, após apresentar a minha dissertação de mestrado em julho de 2015, tomo conhecimento do edital de concurso para docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Inscrevi-me e obtive êxito no certame, em que mais uma vez tive que utilizar todo o poder de empoderamento que as narrativas (auto) biográficas fez nascer em mim.

Atualmente, sou professora de Didática do IFRN, campus Apodi. Mais alguns desafios postos: atuar como docente de Didática num curso de licenciatura em Química, conquistar o meu espaço, firmar a minha identidade profissional. Essa história continua, só não cabe aqui me alongar nas narrativas, deixando outros contos, outras histórias, outras entrelinhas para os próximos escritos, pois a caminhada para si é contínua.

### **Algumas Considerações**

Pelo exposto, ao desnudar as minhas memórias sobre casamento, maternidade e docência, me percebo como atora e autora da minha própria história. No entanto, nessa esteira da vida, não estou sozinha, pois levo um pouco do outro e deixo um pouco de mim nas relações estabelecidas.

Percebo que o falar sobre si possibilita o reconhecimento de que nunca terminamos a nossa formação, pois esse processo é para toda a vida. E nesse caminho me faço mulher, mãe, esposa e professora e para isso preciso empoderar-me de saberes e competências inerentes aos papéis que desenvolvo no âmbito pessoal e profissional.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Repiso que o método (auto) biográfico permitiu revisitar a minha formação a fim de compreender que existem encontros (as coisas que dão certo) e desencontros (as coisas que não saem como planejamos). E assim nos reinventando como docentes na busca do desenvolvimento profissional.

Pude constatar que o estudo contribui para a academia, pois acredito que este possa estar servindo de meio, para que a comunidade possa compreender as narrativas (auto) biográficas docentes como objeto de conhecimento no ensino. Ficou patente que, este método se constitui numa ruptura em relação aos modelos convencionais de investigação nas ciências sociais. Pois como afirma Josso (2010) as práticas de reflexão, que emanam dos relatos de vida escritos, centrados na formação, proporcionam a formação e a transformação de si.

## **Referências**

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2. ed. rev. e amp. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto, 1999.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 1992. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografia, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINE, Paula Perin. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMALHO, Betânia Leite; NÚÑEZ, Isauro Beltran; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artemed, 2004. Tradução de Ernani Rosa.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)